



Feminæ

Dicionário Contemporâneo

João Esteves
Zília Osório de Castro
DIREÇÃO

Ilda Soares de Abreu
Maria Emília Stone
COORDENAÇÃO



Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género
Presidência do Conselho de Ministros

Feminae
Dicionário Contemporâneo

Podem ser reproduzidos pequenos excertos desta publicação, sem necessidade de autorização, desde que se indique a respetiva fonte.

Os conteúdos apresentados não exprimem necessariamente a opinião da Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.

Título

Feminae

Dicionário Contemporâneo

Direção

João Esteves e Zília Osório de Castro

Coordenação

Ilda Soares de Abreu e Maria Emília Stone

Preparação da edição

Divisão de Documentação e Informação

1.ª edição

dezembro, 2013

COMISSÃO PARA A CIDADANIA E A IGUALDADE DE GÉNERO

www.cig.gov.pt

Avenida da República, 32, 1.º, 1050-193 Lisboa – Portugal

Tel.: (+351) 217 983 000

Fax: (+351) 217 983 098

E-mail: cig@cig.gov.pt

Delegação do Norte:

Rua Ferreira Borges, 69, 2.º C, 4050-253 Porto – Portugal

Tel.: (+351) 222 074 370

Fax: (+ 351) 222 074 398

E-mail: cignorte@cig.gov.pt

Aplicação do acordo ortográfico, pré-impressão, impressão e acabamento

Editorial do Ministério da Educação e Ciência

Tiragem

1000 exemplares

Depósito legal

368 238/13

ISBN

978-972-597-372-1 (impresso)

978-972-597-373-8 (pdf)

João Esteves e Zília Osório de Castro
(direção)

Ilda Soares de Abreu e Maria Emília Stone
(coordenação)

Feminae
Dicionário Contemporâneo

Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género
2013

Maria da Conceição Augusto de Mattos

Jovem poetisa e ilustradora. Nasceu a 5 de fevereiro de 1946, em Faro, e faleceu a 27 de junho de 1966, em Évora. Era a única filha de Maria Luísa Augusto de Mattos e de José Rodrigues de Mattos. O seu percurso académico iniciou-se na Guarda, tendo transitado aos oito anos para o colégio D. Filipa de Lencastre, em Évora. Seguiu-se a frequência do Liceu Nacional de Évora, onde se inscreveu na alínea H. Devido à progressividade da doença, faltou-lhe fazer uma disciplina para concluir o 7.º ano. Aos dezasseis anos começou a escrever num “caderno de apontamentos de qualquer qualidade”, intitulado *Eu*, suporte de impressões sobre assuntos que lhe despertavam a atenção. A escrita revelou-se-lhe, então, com poder ambivalente: acolhedora e libertadora. A primeira entrada, datada de 28 de fevereiro de 1962, e sugerida pela Sinfonia *Novo Mundo*, de Dvorak, é um impressionante registo do modo como o ouvinte emerge e perdura no sonho através da música. A interpretação de uma sua pintura, a descrição de comportamentos sociais, as impressões de viagens e a confissão da hesitação em expor os seus trabalhos, constituem exemplos das múltiplas entradas, espaçadas ao longo de quatro anos. A última, numa caligrafia visivelmente distinta da inicial, data de 15 de abril de 1966, dois meses antes de falecer. Em complemento ao caderno *Eu*, a mãe escreveu uma curta biografia intitulada *Ela* [Lagos, dezembro de 1982, dois exemplares]. Com o conto “Um Natal Diferente”, Maria da Conceição ganhou o 2.º Prémio do concurso nacional (continental e ultramarino) “Um conto de Natal”, promovido em 1965 pelo *Jornal do Algarve* [Ano 9.º, sábado, 25 Dez.]. Postumamente foram publicados dois livros: *Realização*, com 68 poemas, e *A minha Poesia*, que reúne a quase totalidade dos poemas, o último datado de 2 de junho de 1966, 25 dias antes de falecer: “Da última janela do Palácio da Sombra / A castelã largou a derradeira pomba... / (pombal assim grande ninguém conhecia: / dia sim, dia não uma pomba partia)”. Apesar de se tratar de poesia não revista, como adverte Maria Clotilde Almeida, em “Nota de Abertura”, impressiona a variedade de assuntos em registo lírico ou concreto, o domínio vocabular e as experiências de abordagem formal. O *ex-libris*, desenhado pela própria e que se encontra na contracapa dos livros, inscreve o seguinte lema: “A verdade em W”. A entrecruzar-se com a escrita, e ao mesmo nível imaginativo, Maria da Con-

ceição praticou o desenho e a pintura a aguarela. Retomou a tradição medieval e primo-moderna das iluminuras, que concebeu como delicado *decorum* de versículos veto-neotestamentários, por si selecionados. As iniciais que abrem cada versículo são ornadas e, por vezes, nelas se inserem figuras miniaturais interpretativas dos textos; as iniciais de frase, de menor dimensão, são mais simples e pontuam o texto em alternativa cromática forte. O espaço reservado à iluminura, que contorna o enquadramento retangular do texto, está labirinticamente estilizado e profusamente detalhado, sugerindo um diálogo meditativo com os textos. O conjunto de iluminuras de pequenas dimensões (12 x 8) e um outro conjunto de iluminuras misturadas com ilustrações diversas (15,5 x 10,5) foram postumamente encadernados. A preferência pela ilustração é visível na decoração feita, por iniciativa própria, de cada uma das páginas do livro *Os Poemas da Verdade*, da autoria de Torquato da Luz, publicado em 1963. São quarenta e seis poemas aguarelados em toda a dimensão da página, quando Maria da Conceição tinha 17 anos de idade. Trabalho único sobre o qual Torquato da Luz escreveu: “Límpidos sonhos dispersos / Poemas são como flores/ Mas a poesia das cores/ É mais bela que a dos versos” [20/III/64].

Da autora: *Realização*, Évora, Tipografia Nova, 1972; *A minha poesia*, “Aberturas” de Joaquim de Magalhães e de Maria Clotilde Almeida, Vila Real de Santo António, Empresa Litográfica do Sul, 1979; *Apontamentos*, Évora [Caderno inédito. Inclui: conto intitulado *Miguel*, manuscrito com 19 páginas, de 21 linhas; conto dactilografado e intitulado *O Porquê? sem Porque*, com 3 páginas e assinado sob o pseudónimo Gunhar (herói viking); conto *Um Natal Diferente*, versão dactilografada e manuscrita, num total de seis páginas; textos e desenhos infantis; pormenor de uma iluminura; recortes vários]; “Poesia”, *Convívio*, Ano 5, n.º 49, Centro Social e Cultural da Imaculada Conceição de Salvada, novembro, 1998, pp. 1-3. Bib.: Maria Luísa Augusto de Mattos, *Ela*, 2.ª ed., Lagos, 1996; Torquato da Luz, “Notícia de Livros”, *Diário de Notícias*, 24/02/1972.

[M.T. S.]

Maria da Conceição Carvalho

Mestra na oficina de labores femininos da Escola Industrial de Setúbal, a partir de 1892. Exercia a atividade de professora primária e tinha 38 anos de idade quando iniciou a frequência da Escola Industrial Rainha D. Amélia, em Setúbal, no ano letivo de 1889/90. No final do ano, foi distinguida com dois prémios honoríficos, em “Princípios de desenho geométrico rigoroso” e em “Oficina de labores – costura, corte e bor-

dados”, respetivamente. Exibiu dois trabalhos na Exposição das escolas industriais, realizada no Museu Industrial e Comercial de Lisboa, em 1891. Em 15 de dezembro de 1892 foi nomeada, na sequência de uma proposta assinada em fevereiro anterior por Ramalho Ortigão, inspetor das escolas industriais da circunscrição do Sul, mestra de costura e corte da oficina de labores femininos da Escola de Setúbal, dirigida por Joaquina Aurélia Baptista Guerreiro*, com um vencimento de 9\$000 réis mensais. Um ano mais tarde, passa a mestra de rendas com um vencimento de 12\$000. Na sequência do Decreto de 14/12/1897, que reorganizou o ensino nas escolas industriais e de desenho industrial, passou a auferir, como mestra e em conformidade com a tabela anexa ao referido decreto, um vencimento de 300\$000 réis anuais. Ainda exercia à data da implantação da República.

Fontes manuscritas: Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas, Fundo do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, Inspeção das Escolas Industriais e de Desenho Industrial na Circunscrição do Sul, *Livro de Registo do Pessoal de Inspeção e das Respektivas Escolas (1884-1894) e Copiadores de correspondência expedida (1891-1892; 1893; 1894)*. Fontes impressas: Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, Direcção-Geral do Comércio e Indústria, *Relatório sobre as Escolas Industriais e de Desenho Industrial da Circunscrição do Sul (1889-1890)*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1890; Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, Direcção-Geral do Comércio e Indústria, *Catálogo dos Trabalhos Expostos no Museu Industrial e Comercial de Lisboa e Executados nas Escolas Industriais e de Desenho Industrial da Circunscrição do Sul no Ano Lectivo de 1889-1890*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1891; Decreto de 14/12/1897, *Diário do Governo*, n.º 283, de 15/12/1897; *Anuário Comercial de Portugal, Ilhas e Ultramar (1896-1911)*, Lisboa, 1895-1910. Bib.: Teresa Pinto, *A Formação Profissional das Mulheres no Ensino Industrial Público (1884-1910)*. Realidades e representações, Dissertação de Doutoramento, Lisboa, Universidade Aberta, 2008.

[T. P.]

Maria da Conceição Costa

Conhecida por Beatriz Costa, nasceu na Charneca do Milharado, Mafra, em 1907 [A *Revista à Portuguesa*], em 14 de dezembro de 1907 [Enciclopédia *Verbo, Fotobiografia*], ou em 14 de dezembro de 1910 [O *Grande Livro dos Portugueses*], e faleceu em Lisboa, a 15 de abril de 1996. Atravessou uma infância de privações; era analfabeta quando encetou a sua carreira artística e foi estudando por iniciativa própria. “Pega-me ao colo” é uma frase simples, infantil, que pode fazer sorrir quando bem usada no palco. Mas se quem a diz é Beatriz Costa, que feita menina mi-

mada pede colo aos espetadores, a tal frase simples entra no vocabulário popular, passa a ter os mais inesperados significados, e uma revista que se vai estreir, nesse ano de 1938, terá inevitavelmente como título *Pega-me ao Colo*. Ninguém como Beatriz soube agarrar um dito vulgar, de todos os dias, dar-lhe um jeito de coisa sua, e pôr toda a gente a repeti-lo. Ninguém foi mais alto do que ela em popularidade. Beatriz Costa estreou-se como corista, no Eden-Teatro, a 10 de agosto de 1923, numa reposição da revista *Chá e Torradas*. Não tardou a fazer-se notar, sendo integrada numa companhia que, em 1924, foi ao Brasil. No Rio de Janeiro foi apresentada, então, como atriz, na revista *Fado Corrido* e o seu sucesso foi muito grande, além de ter representado noutra revista sob a direcção de Chianca de Garcia. Deste modo agarrou alguns números e, partindo corista, regressou atriz feita e como tal foi se apresentando em *Ditosa Pátria*, a 7 de julho de 1925. Lutando por alcançar o primeiro lugar, apareceu em muitas revistas, mas seria no *Sete e meio* (1927), espetáculo que Leitão de Barros comandou rumo à modernidade, que a rábula o “Coca” lhe permitiu alardear a sua enorme fantasia. Nessa revista apareceu com o cabelo cortado pela última moda, “à la Louise Brooks”, com a franja que ajudaria a fixar a sua imagem. Quando, ao lado de Álvaro Pereira, alcançou um triunfo estrondoso num dueto que ficou célebre, “D. Chica e Sr. Pires”, da revista *Pó de Maio* (1929), o seu talento não espantou ninguém. Em 1930, Beatriz, ainda segunda figura, foi convidada pelo empresário Artur Emaús para encabeçar uma companhia, muito fraca, que ele mantinha, no Variedades, sem obter um só sucesso. Entrando para uma revista que se afundava, *O Cavaquinho* (1930), logo a sua grande comunicação popular produziu um êxito, e a partir daí não deixou mais de ser assim. Foi então escolhida para interpretar, na versão portuguesa de *Her Wedding Night*, a protagonista que Clara Bow criara em Hollywood. Filmou em Paris, em 1931, na Paramount, *Ma Nuit de Noces (A Minha Noite de Núpcias)*, ao lado de Marlene Dietrich e Estevão Amarante, o que não tendo sido um sucesso, a ajudou a estabelecer reputação. O contacto com o meio cinematográfico internacional abriu perspectivas novas à sua personalidade, ávida de conhecer gente célebre, captando com grande facilidade tudo quanto a enriquecesse. Foi *O Mexilhão* (1931) a revista que consagrou Beatriz Costa como a maior. A partir daí podia ditar leis e pedir todo o dinheiro que

[P. P.] **Palmira Parente.** Licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1980, exerceu funções de docência na Escola Secundária de Montemor-o-Velho, é membro da Cooperativa Cultural Teatro dos Castelos, da mesma vila, lecionando atualmente na Escola Secundária Infanta D. Maria, em Coimbra.

[P. S.-L.] **Pedro Sena-Lino** (n. 1977). Doutorando em Literatura Feminina do Século XVII, com uma tese sobre Feliciano de Milão, investigador do projeto “Portuguese Women Writers”. Editou criticamente a poesia de Natércia Freire. Poeta e romancista, professor e autor de manuais de escrita criativa.

[R. A. A. T.] **Rui André Alves Trindade.** Doutorado em História da Arte Medieval pela FCSH da Universidade Nova de Lisboa. A sua atividade como investigador tem sido pautada por diversas conferências proferidas em congressos e instituições universitárias e pela publicação de vários artigos científicos.

[R. G.] **Rita Garnel.** Doutorada em História Contemporânea pela Universidade de Coimbra. Membro do CESNOVA – Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa. Autora de mais de uma dezena de artigos dispersos por revistas de História, Direito e Filosofia, tem em curso uma investigação sobre políticas de saúde pública no período da I República.

[R. S.] **Rui Santos.**

[S. A. T. S.] **Sónia Armanda Teles e Silva.** Nasceu a 24 de abril de 1963, no Porto. Filha de Maria Armanda Gonçalves Teles e de Hernâni Alfredo Ramalho e Silva. Licenciada em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, em 1988. Colabora, em regime de coautoria e de uma forma permanente, com os arquitetos Sérgio Secca, João Paulo Fernandes e Gustavo Miguel Rebolho. Em dezembro de 2002 constitui a sociedade SJGS Architectos Lda.

[S. C. S.] **Sandra Costa Saldanha.** Diretora do Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja. Doutorada em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

[S. L.] **Sandra Leandro.** Doutorada e Mestre em História da Arte Contemporânea pela Universidade Nova de Lisboa. Professora Auxiliar na Universidade de Évora, é, atualmente, diretora-adjunta da Escola de Artes da UÉ. Membro in-

tegrado do Instituto de História da Arte da UNL, é colaboradora de *Faces de Eva* desde o ano 2000.

[S. M.] **Susana Martins.** Mestre e doutoranda em História Contemporânea pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH/UNL). Investigadora Integrada do Instituto de História Contemporânea – UNL. Professora da Escola Superior de Educação de Lisboa. Ex-colaboradora do Museu da Presidência da República.

[S. P.] **Susana Pinheiro.** Licenciada em História e licenciada em Arqueologia pela Universidade de Lisboa. Mestre em História da Arte pela FCSH da Universidade Nova de Lisboa e doutoranda na mesma Universidade, tendo concluído o Curso de Doutoramento. Investigadora, escritora e professora do Ensino Secundário.

[T. A.] **Teresa Alvarez.** Maria Teresa Alvarez Nunes é licenciada em História e Mestre em Comunicação Educacional Multimédia, tendo defendido tese sobre as representações de género em materiais pedagógicos de História. Investigadora do CEMRI, da Universidade Aberta, do Grupo de Investigação em Estudos sobre as Mulheres, Sociedades e Culturas. Autora da obra *Género e Cidadania nas Imagens de História* (CIDM, 2004) e de diversos artigos sobre a problemática do género em educação. Coordenou o projeto de produção dos guiões de educação *Género e Cidadania*, editados pela CIG entre 2010 e 2012, destinados ao Pré-escolar e ao Ensino Básico.

[T. P.] **Teresa Pinto.** Doutorada e Mestre em Estudos sobre as Mulheres (UAb), licenciada em História (FL-UL) com uma pós-graduação em Economia e Sociologia Históricas (FCSH-UNL). Investigadora do CEMRI-UAb e colaboradora no Mestrado em Estudos sobre as Mulheres da UAb. Investiga sobre trabalho, educação e relações sociais entre mulheres e homens numa perspetiva histórica, tendo vasta obra publicada. Professora do Ensino Secundário e formadora de docentes. Presidente da APEM, dirige a revista científica *ex aequo*.

[V. D.] **Virgínia Dias.** Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Ingleses. Mestre em Estudos Anglo-Portugueses. Professora na Escola do Ensino Básico dos 2.º e 3.º Ciclos Maria Veleada. Investigadora de *Faces de Eva. Centro de Estudos sobre a Mulher*.